



BIBLIOTECAS
DE LISBOA

ARQUIVO GRÁFICO DA VIDA PORTUGUESA: 1903-1918¹, reúne postumamente trabalhos fotográficos (alguns deles inéditos) da autoria de Joshua Benoliel (1873-1932), devidamente contextualizados e legendados, em seis fascículos não datados e sem indicação de periodicidade, com paginação continuada de número para número, provavelmente editados no ano de 1933 ou 1934, impressos pela Bertrand Irmãos Lda, em Lisboa. A coleção integra ainda um fascículo specimen, que anuncia os propósitos da publicação e apresenta as condições de assinatura. Cruzando as nossas existências (que, de resto, coincidem com as da Biblioteca Nacional de Portugal) com as condições de assinatura anunciadas, constata-se que o projeto terá tido um fim prematuro, já que estava prevista a assinatura por um ano, correspondente a 12 números², com capa de luxo destinada à encadernação do conjunto. Este facto justifica que os conteúdos se limitem à cronologia 1903-1907, e não a apresentada em título (1903-1918).

A publicação divide-se em oito capítulos temáticos distribuídos por seis fascículos. Impressos em papel couché, profusamente ilustrados com “magníficas tricromias, “hors textes”, e dezenas de gravuras”, cada fascículo (com um custo unitário de 10\$000 réis), era entregue com uma sobrecapa em papel inferior, impressa a preto, com indicação da numeração.

Todos os capítulos se iniciam com um pequeno texto introdutório, na maior parte das vezes não assinado, com as exceções referidas na descrição de cada capítulo. Não existe uma ordem cronológica na apresentação dos acontecimentos, e a sequência não é linear, em especial nos primeiros capítulos como, por exemplo, no segundo, em que é apresentada a visita de D. Carlos I a Espanha em março de 1906 a par com o movimento operário em Portugal, embora num subtítulo à parte, com fotos do 1º de maio de 1907.

¹ Cópia digital em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/arquivograficodavidaportuguesa/arquivograficodavidaportuguesa.htm>.

² De onde se deduz uma periodicidade mensal.

Rocha Martins, escritor e jornalista³, faz-nos a apresentação do **Arquivo Gráfico da Vida Portuguesa: 1903-1918** no seu prefácio que intitula “Os Grandes Objectivos Duma Objectiva Celebre”. À medida que avançamos na leitura, percebemos que a sua verdadeira intenção é a homenagem ao homem/fotógrafo que foi Joshua Benoliel. Com efeito, ao folhear as páginas do *Arquivo Gráfico da Vida Portuguesa* não é possível evitar empatia com as palavras de Rocha Martins. Não é apenas o trabalho pragmático do fotógrafo profissional, é também a sua paixão: a objetiva e a captura de momentos que assim ficarão imortalizados. Outros colaboradores identificados são: Ramada Curto, Padre Miguel A. de Oliveira, Satúrio Pires e Mário Monteiro.

Joshua Benoliel

“Eu quero, por mim, pela minha profissão, pelo meu jornal fazer boa figura; entrar, sem ridículo, numa taberna ou num palácio real”⁴

Filho de judeus ingleses, nasceu em Lisboa a 13 de Janeiro de 1873. O seu primeiro contacto com a fotografia terá acontecido de forma casual, ao participar num passatempo amador em que eram enviadas imagens para diversas revistas. Trabalhava então como despachante alfandegário. Acabou por se tornar foto repórter do dia-a-dia, tendo sido o primeiro a transformar o quotidiano em notícia. Durante trinta anos fotografou incansavelmente, mas a componente determinante do seu trabalho foram, sem dúvida, os doze anos ao serviço da principal revista semanal *Ilustração Portuguesa* (1906-1918)⁵. Foi também correspondente de duas revistas ilustradas europeias do início do séc. XX: a francesa *L’Illustration* e a espanhola *ABC* – ainda hoje consideradas dois repositórios fundamentais da história

³ Devido às dificuldades económicas da família, **Rocha Martins** começou a trabalhar aos 15 anos na Companhia da União Industrial, em Lisboa. Aí, foi surpreendido a escrever um conto para o *Diário Popular* pelo filho do diretor da fábrica, que então lhe proporcionou o ingresso na redação do mesmo jornal. Acabou por se dedicar inteiramente ao jornalismo, tendo aos 18 anos ingressado na *Vanguarda* onde publicou romances históricos que o tornaram célebre. Seguiu-se o *Jornal da Noite*, órgão do Partido Regenerador de João Franco. Em 1903 começou a dirigir a *Ilustração Portuguesa*, de onde saiu em 1911, voltando ao *Jornal da Noite*. A partir de 1920 retomou a atividade literária tendo fundado o semanário *ABC*, e em 1930 o *Arquivo Nacional* onde inseriu os seus estudos históricos. Viveu sempre do seu trabalho como escritor e jornalista, nunca tendo procurado benefícios na política. Em Abril de 1916 foi eleito membro da Academia das Ciências, tendo também sido condecorado com o grau de Comendador da Ordem de Santiago e com o Leão Branco da Checoslováquia. In *Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira*, Vol. 25, Lisboa Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, imp. 1978, p. 854.

⁴ In *Fotobiografias do séc. XX : Joshua Benoliel*, p. 9.

⁵ Joaquim Vieira, *Joshua Benoliel*, pp. 13 e 27. *Ilustração portuguesa*, disponível na Hemeroteca Digital, em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/IlustracaoPortuguesa.htm>.

européia –, assim como em revistas literárias e artísticas do Brasil. Era apaixonado pelas grandes reportagens internacionais, tendo acompanhado na Europa e no Brasil reis e presidentes de repúblicas. Surgia tanto no meio de um tiroteio de uma revolução como nas cerimónias de receção dos chefes de estado. Falhou por alguns minutos o atentado que vitimou o rei português D. Carlos e o seu filho, o príncipe D. Luiz Filipe, mas não lhe escapou a reportagem da revolução republicana de 5 de Outubro de 1910. Foi também um reputado bibliófilo, tendo, nessa qualidade, representado entre nós a livraria Maggs Brothers de Londres, para a qual disputava, nos leilões de livros, as melhores obras. Foi condecorado com as palmas da Academia Francesa, as comendas da Ordem de Sant'Iago da Espada e do Mérito Civil Espanhol.⁶

Joshua Benoliel e o fotojornalismo português

“Na esparsa e episódica história da fotografia portuguesa, Joshua Benoliel ficaria conhecido pela limitada metáfora de rei dos fotógrafos e fotógrafo de reis.”⁷

“Foi, pode dizer-se, o criador da reportagem fotográfica em Portugal.”⁸

Dado que o **Arquivo Gráfico da Vida Portuguesa: 1903-1918** é uma publicação centrada na fotografia, e mais concretamente no trabalho daquele que é considerado o “pai” do fotojornalismo português, pareceu-nos adequado fazer uma rápida retrospectiva sobre o percurso da fotografia em Portugal no universo dos periódicos. Para isso, foi abordada a obra de António Sena, *Uma História de Fotografia*, em que são postos de parte os pormenores técnicos e é mais focada a evolução a que se assiste na imprensa ilustrada com a introdução deste novo elemento, cujas primeiras notícias chegaram ao nosso país em 1839⁹.

Assim, sabemos que em Portugal, inicialmente, a imprensa e a fotografia não andaram de mãos dadas. No entanto, em especial a partir da década de 60 do século XIX, aparecem títulos que começam a publicar algumas fotografias, destacando-se **O Occidente**¹⁰, publicação em que apareceram as primeiras

⁶ In Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira, Vol. 4, pp. 533-534.

⁷ In Joshua Benoliel 1873-1932: repórter fotográfico, p. 20.

⁸ In Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira, Vol. 4, p.533.

⁹ António Sena, *Uma História de Fotografia*, p.9.

¹⁰ Disponível na Hemeroteca Digital em:

reportagens fotográficas e o **Boletim Photographic**¹¹ (1900-1914), o projeto editorial de fotografia com mais êxito em Portugal.

Fascículo *Specimen*¹²

Cumpra a sua função de apresentação do projeto *Arquivo Gráfico da Vida Portuguesa 1903-1918* (designadamente através do artigo com expressivo título “O que será o Arquivo Fotográfico”), com vista à angariação de assinantes.

Começa com uma sequência de fotografias que visam mostrar ao leitor os temas que serão abordados, estendendo-se depois num relato, não assinado, sobre a atualidade política e alguns dos momentos mais importantes registados pela objetiva de Joshua Benoliel. A sua última página começa com o título *Arquivo Gráfico da Vida Portuguesa* seguida da frase: "*História da vida nacional em todos os seus aspectos, de 1903 a 1918, realizada pela colecção fotográfica de JOSHUA BENOLIEL com um prefácio do historiador ROCHA MARTINS.*" Seguem-se os nomes dos colaboradores previstos, sendo que apenas alguns deles aparecem a assinar os artigos. Como já foi referido no início, o projeto não foi concretizado de acordo com os planos iniciais.

CAPÍTULO I

“A Viagem dos Chefes de Estado a Portugal” (1º e 2º fascículos)

Os dois primeiros capítulos são inteiramente dedicados às visitas de diversos chefes de Estado e nobrezas europeias a Portugal. Embora o capítulo I comece com a reportagem da visita de Afonso XIII de Espanha, quem inaugurou esta série de visitas ao nosso país foi Eduardo VII de Inglaterra, em Abril de 1903, apenas treze anos depois do *Ultimatum* a Portugal. Recordemos que este imperativo inglês retirou a Portugal a possessão de território entre Moçambique e Angola o que causou grande mal-estar no nosso país, não só a nível político, como económico e social, fragilizando a relação entre os dois mais antigos aliados da Europa. Por outro lado, esta visita terá também tido um significado de “reconciliação diplomática” que só poderia beneficiar Portugal, tanto a nível da imagem perante a Europa, como

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/Ocidente.htm>.

¹¹ Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/BoletimFotografico/BoletimFotografico.htm>.

¹² Carece de data de publicação, como, aliás, todos os fascículos.

economicamente. É para essa linha de pensamento que nos conduz o final da legenda: “O período brilhante da nossa história foi iniciado com a visita oficial do Rei Eduardo VII, - o soberano da nossa fiel e secular aliada.” Nesse mesmo ano em dezembro, foi também recebido Afonso XIII, rei de Espanha.

No ano de 1905 duas visitas se destacaram: o Imperador da Alemanha e o Presidente da República Francesa, Loubet.

CAPÍTULO II

“Viagem de D. CARLOS I a Espanha” (3º fascículo)

É focada a visita do soberano português à corte espanhola, que ocorreu de 11 a 16 de Março de 1906, o que, para D. Carlos constituiu mais uma vitória diplomática. Isto porque, apenas oito anos depois do *Ultimatum* inglês a Portugal, Espanha perdera as Filipinas, Cuba e Porto Rico para os Estados Unidos com o apoio da diplomacia inglesa. Desta forma, a visita de D. Carlos I ao reino vizinho terá tido de alguma forma a intenção de apaziguar ânimos ainda muito ressentidos.

“O Movimento Operário em Portugal” (3º fascículo)

“O movimento operário em Portugal, foi, até à proclamação do regime republicano, representado exclusivamente pelos socialistas”¹³

Também no capítulo II, embora sem relação com a primeira situação registada, são-nos apresentados alguns momentos captados pela câmara de Joshua Benoliel que retratam o comício do Partido Socialista no 1º de Maio de 1907. As imagens são precedidas por um apontamento assinado com as iniciais R. C., provavelmente de Ramada Curto¹⁴.

CAPÍTULO III

¹³ *Arquivo Gráfico da Vida Portuguesa: 1903-1918*, p. 71

¹⁴ **Ramada Curto**, um dos muitos colaboradores no *Arquivo Gráfico da Vida Portuguesa*, foi advogado, jornalista e autor dramático, tendo nascido em Lisboa em 1886. Estudou em Lisboa e Coimbra tendo sido um dos protagonistas da greve académica denominada *Os Intransigentes de 1907*, contemplada no *Arquivo Gráfico da Vida Portuguesa* (Cap. VIII). Ingressou cedo na política ativa e destacou-se no movimento revolucionário que levou à implantação da República. Teve também uma contribuição significativa para a imprensa periódica. In *Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira*, Vol. 24, Lisboa Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, p. 315.

“Procissões” (3º fascículo)

Ainda no terceiro fascículo, o capítulo III é inteiramente dedicado às procissões em Lisboa. Tem uma introdução do Padre Miguel A. de Oliveira¹⁵. Destacam-se a procissão do **Senhor dos Passos da Graça**, fotografada por Joshua Benoliel em 23 de Fevereiro de 1903; a **Procissão dos Ramos** fotografada em data imprecisa, é descrita como a “procissão da nobreza por excelência”¹⁶; a **Procissão do Enterro** era realizada em vários bairros da cidade de Lisboa, que concorriam entre si na apresentação; a **Procissão da Senhora da Saúde**, em que a legenda nos remete às suas origens, ao reinado de D. Sebastião, onde “...por motivo dum voto da população quando uma grande peste causou estragos consideráveis em Lisboa”.¹⁷

CAPÍTULO IV

“CASCAIS, Côte de Saúde” (4º fascículo)

“As terras têm, como os homens, um destino marcado. Há vilas tristes e aldeias alegres; cidades onde florescem génios e capitais onde a vida pára. Assim, Cascais tinha de ser a côte de reis e de príncipes, de fidalgos, de mulheres lindas.”¹⁸

É um capítulo recheado de fotografias onde Joshua Benoliel captou os momentos de descontração da alta sociedade portuguesa, em cenas de praia, torneios de tiro, partidas de ténis, e gincanas automóveis.

CAPÍTULO V

“Reinado de D. Carlos é a base onde assenta o moderno exército português”

(4º e 5º Fascículos)

Inicia-se ainda no quarto fascículo, estendendo-se até ao quinto, e começa com um

¹⁵ **Miguel A. de Oliveira** asceu em Valega (Ovar) em 15 de Dezembro de 1897. Estudou nos seminários do Porto, tendo concluído os estudos teológicos em 1917. Em 1920 foi ordenado presbítero na Sé do Porto. Além de eclesiástico foi jornalista, escritor e historiador. Colaborou com vários jornais, entre os quais o *Novidades*, para onde foi convidado como chefe de redação em 1925. Em 1932 tornou-se censor literário da secção editorial da *União Gráfica* onde também era redator do jornal. Foi o primeiro sacerdote em Portugal a fazer palestras religiosas via rádio, através da TSF, a partir de 1930 e, mais tarde, também através da Emissora Nacional. Publicou vários trabalhos de História: *História da Igreja*, 1938 (2ª ed., 1942), *História Eclesiástica de Portugal*, 1940, que foi prémio Alexandre Herculano, entre outros. In *Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira*, Vol. 19, p. 387.

¹⁶ In: Arquivo Gráfico da Vida Portuguesa: 1903-1918, p. 85.

¹⁷ *Idem*, p. 93.

¹⁸ *Idem*, p. 97

extenso apontamento assinado por Satúrio Pires¹⁹ onde são elogiadas as aptidões de D. Carlos I como máximo do Exército Português, sendo minuciosamente descrita a remodelação feita em todas as suas estruturas. Os longos períodos de paz tinham contribuído para que o papel do Exército ficasse praticamente reduzido às guardas de honra, marcha em procissões e pouco mais. Não havia limite de idade para permanecer no Exército nem provas especiais para progressão na carreira. As alterações introduzidas por D. Carlos I, embora tivessem enfrentado resistências, deram frutos com as vitórias nas Campanhas Coloniais de 1895.

Em Julho de 1907 o Quartel do Corpo da Marinha foi contemplado com a visita real, numa altura em que, sendo o ambiente político já bastante conturbado, a Marinha manifestava a sua posição desfavorável à Monarquia, posição esta que se acentuou com o seu desfecho no histórico 5 de Outubro de 1910.

CAPÍTULO VI

“A revolta do cruzador D. Carlos”, 8 de Abril de 1906 (6º fascículo)

Esta foi uma revolta de marinheiros. Os seus motivos prenderam-se com a diminuição dos direitos usufruídos no que respeitava a saídas para terra. Mas também se fala de abusos cometidos: “...como o dos praças gozarem sucessivas licenças para pernoitar em terra...”, “...recebiam a bordo visitas pouco recomendáveis...”, “Ficava a bordo só um oficial de serviço.” Para o público em geral passou a imagem de uma insurreição pontual. No entanto quando a 13 do mesmo mês um movimento idêntico ameaçou avançar, não houve qualquer dúvida que um movimento mais organizado poderia estar por detrás destas sedições. Na verdade a Carbonária²⁰ já tinha adeptos dentro da Armada. Os chefes dos revoltosos foram julgados rapidamente e condenados. As fotos de Joshua Benoliel mostram-nos alguns desses revoltosos já na condição de detidos.

¹⁹ **Satúrio Pires** nasceu em Elvas, em Julho de 1881, tendo falecido em Junho de 1952. Foi oficial do exército, jornalista e escritor. Monárquico convicto, fazia parte dos oficiais da guarda do Palácio das Necessidades aquando do regicídio, tendo-se demitido do exército após a implantação da República. Nessa altura detinha o posto de Tenente. Com o início da Primeira Grande Guerra, ofereceu os seus serviços ao Exército, que foram recusados. Foi preso diversas vezes por defender a causa monárquica. Amnistiado, lecionou História e Matemática, voltando a ser reintegrado no Exército após 1932. Foi jornalista de mérito, tendo colaborado em diversos jornais. Publicou dois livros e foi uma das autoridades dos estudos da Guerra Peninsular. Recebeu várias condecorações e foi cavaleiro da Ordem de Santiago. In *Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira*, Vol. 27, Lisboa Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, p. 803.

²⁰ Em Portugal a Carbonária existiu apenas com a finalidade de derrubar a monarquia, tendo-se dissolvido após o objetivo alcançado.

CAPÍTULO VII

“As obras de assistência iniciadas pela Rainha Senhora D. Amélia” (6º fascículo)

Destaca-se neste capítulo de forma enfática o facto de ainda perdurarem as obras de assistência da Rainha D. Amélia à infância e à Assistência Nacional aos Tuberculosos, à época da elaboração desta publicação, terminando com um elogio à rainha exilada:

“Mesmo depois de exilada, a senhora D. Amélia, tem pensado na Assistência Nacional aos Tuberculosos e ainda há pouco enviou importantes donativos não só da sua bolsa mas também angariados com a venda do seu álbum artístico cujo produto foi integralmente destinado a auxiliar a benemérita instituição.”²¹

CAPÍTULO VIII

“Os “intransigentes” de 1907” (6º fascículo)

Encerra o sexto fascículo e começa com um artigo de Mário Monteiro²² sobre os "Intransigentes de 1907", uma revolta estudantil iniciada em Coimbra e que acabou por alastrar a todo o país. Tudo começou com a defesa da tese do candidato ao professorado universitário, José Eugénio Ferreira, que era visto pela população académica como o arauto que anunciava a reforma do velho sistema universitário. A esperança que representava foi defraudada pela reprovação da sua tese pelos velhos doutores de Coimbra, avessos a reformas.

Este desfecho causou um movimento de revolta que acabou por se espalhar a todo o país, saindo do círculo universitário para abranger também os liceus. Os tumultos causados fizeram presos, tendo, inclusivamente, sido detido por engano, aquele que se pretende homenagear nesta publicação, Joshua Benoliel, não sendo difícil

²¹ *Arquivo Gráfico da Vida Portuguesa: 1903-1918*, p. 168.

²² **Mário Monteiro** nasceu em Midões da Beira em 1885. Na Universidade de Coimbra manifestam-se as suas tendências com a publicação do panfleto *Pavões*, que falava acerca da geração académica do seu tempo. Envolveu-se na política e redigiu o semanário *A Alvorada*, onde sustentou ataques violentos. Acabou por ter de procurar o exílio, escolhendo o Brasil. Terminado o exílio regressou a Portugal onde se dedicou à advocacia e literatura, colaborando também no *Diário de Lisboa*. Acabou por retornar ao Brasil, onde se fixou. Publicou várias obras literárias. *In Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira*, Vol. 17, p. 732. Fez parte do «Comité Central» que dirigiu a greve académica por ele próprio narrada neste capítulo.

adivinhar o que andaria ele a fazer no meio da agitação académica.

Alda Anastácio

Lisboa, 19 de Outubro de 2015

BIBLIOGRAFIA

Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira, Lisboa Rio de Janeiro : Editorial Enciclopédia, imp. 1978.

BENOLIEL, Joshua - *Arquivo Gráfico da Vida Portuguesa: 1903-1918*, Lisboa : [Bertrand?, 1933].

LEANDRO, Sandra et. all. - *Joshua Benoliel 1873-1932: repórter fotográfico*, Lisboa : Câmara Municipal. Direcção Municipal de Cultura. Arquivo Fotográfico Municipal, 2005.

SENA, António - *Uma História de Fotografia*, Lisboa : Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1991.

VIEIRA, Joaquim - *Fotobiografias do Século XX : Joshua Benoliel*. Lisboa : Círculo de Leitores, 2009.

PUBLICAÇÕES EM LINHA

O Occidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro (1878-1915) [Em linha]. [Consult. 07Ago2015]. Disponível na Internet: <URL:<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/Ocidente.htm>>.

FONSECA, Arnaldo da, *Boletim Photographico* (1900-1906) [Em linha]. [Consult. 07Ago2015]. Disponível na Internet: <URL: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/BoletimFotografico/BolFotog_1900.htm>.